

+TRADIÇÕES JULINAS

Festas celebram a fartura no campo

SÃO PAULO

Comida típica, fogueira, quadrilha e fogos de artifício são alguns dos elementos tradicionais das festas juninas e julinas que podem ser encontrados em diversas partes do país. Seja em um grande evento na cidade, uma quermesse no salão da igreja ou um arraiaí da família, eles estão comumente presentes nos festejos dos meses de junho e julho, que tem raiz histórica nos rituais de celebração das colheitas. A festa milenar, no entanto, foi se transformando ao longo dos anos, mas se manteve como uma manifestação cultural da relação do homem com o campo.

“A festa junina é uma festa enraizada na cultura brasileira, que tem o alimento como um importante elemento de identidade”, aponta a historiadora Eliane Morelli Abrahão, da **Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)**. Ela destaca que muitas das quermesses, por exemplo, não estão mais associadas aos santos católicos, mas, sim, à comida. “É uma festa muito associada ao alimento, que acaba sendo o signo da memória coletiva. As comidas típicas significam essa memória coletiva do nosso povo”, aponta a especialista.

O festejo tem maior expressão nas regiões Norte e Nordeste. Professora de tradições populares do

Instituto Federal de Educação Tecnológica do Ceará, Lourdes Macena aponta que as manifestações culturais assumem características próprias em cada região. “Muitas músicas e escritos falam do quentão, no entanto, a gente não toma essa bebida aqui [no Ceará], toma aluá”, exemplificou.

À base de vinho e especiarias, o quentão aquece os meses de inverno que já antecipa o frio no Sudeste. O aluá, por sua vez, tem raiz indígena”.

ORIGEM. De acordo com Eliane, as comemorações desta época do ano remontam ao século 12 e têm origem nas festas pagãs. “Esses povos da Antiguidade já acredita-

vam que a celebração à deusa Juno, que era considerada a protetora do casamento, do parto e da mulher, proporcionaria fartas colheitas”, aponta. A Igreja Católica, no entanto, não via com bons olhos essas festas populares e começou um processo de incorporação dos festejos, vinculando-os ao calendário litúrgico. “É o período do solstício de verão na Europa, então está muito ligado com a questão da plantação e das colheitas”, acrescentou.

No Brasil, o festejo junino está novamente associado a um processo de incorporação pela Igreja. “Os colonizadores portugueses e os padres jesuítas quando chegam aqui se deparam



FOGUEIRAS. Celebrações desta época do ano guardam muitas diferenças em cada região, mas a alegria é a mesma

com as tradições indígenas de preparação do solo para o plantio que também tinham como intuito essa safra abundante. Os índios também já tinham esse costume de fazer as festas

nesse período”, explica a historiadora. A festa indígena vai intercambiando para a festa cristã em torno, especialmente, da figura de São João Batista. **CAMILA MACIEL, AGÊNCIA BRASIL**